A CERCA E O PASTO

Como a Igreja Protege e Proclama a Verdade

CÉSAR FRANCISCO RAYMUNDO

revista cristã
última chamada

O FIM DOS TEMP

COMO VOCÊ NUNCA OUVIU F

Nunca mais
seja enganado
sobre o Fim
dos Tempos!

- Arrebatamento
- Fim do mundo
- Guerras

A CERCA E O PASTO

Como a Igreja Protege
e Proclama
a Verdade

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal
Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298
Operação: 013
Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

A CERCA
E O PASTO

Como a Igreja Protege
e Proclama
a Verdade

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem criada por IA)

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Outubro de 2026

Índice

Sobre o autor 08
Introdução 09
- Por que ter a Bíblia na mão não basta se você tem a história nos pés
Capitulo 1
O Pasto Infinito 17
- A Bíblia é inesgotável. Ninguém a esgota
Capítulo 2
A Cerca Necessária 27
- O que é um Credo e por que a Igreja precisou fazer cercas
Capítulo 3
O Centro que Nunca Mudou 33
- O que todo cristão, em todo lugar, sempre creu
- Existe um centro da fé cristã que atravessou os séculos sem mudar
Capítulo 4
Até nas Brigas, o Centro Ficou 44
- Batismo: Efusão, Aspersão ou Imersão
- Ceia: Pão e Vinho, Presença Real, Espiritual ou Memorial
- Como a Divergência Prova a Unidade
Capítulo 5
As Três Cercas Históricas 52
- Credo Apostólico: a cerca dos convertido.
- Credo Niceno: a cerca da divindade de Cristo
- Credo Atanasiano: a cerca da Trindade
Capítulo 6
As Confissões - Cercas Locais 58

- Por que depois dos Credos vieram as Confissões: Westminster, 1689, Catecismo de Heidelberg
- Elas não dividem, explicam a mesma cerca para seu curral
Capítulo 7. Como Usar a Cerca Hoje 64
- 3 perguntas para testar qualquer nova doutrina: já foi crida antes? Em todo lugar? Por todos?
- A segurança de não estar sozinho
Conclusão: Dentro da Cerca há Liberdade 70
- Ovelha segura pasta melhor
Obras importantes para pesquisa... 74

Sobre o autor

César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a teoria da Escatologia Concreta, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o Conceito de História Interrompida que pode ser encontrado em seu e-book intitulado "História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo".

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro Comentário Preterista sobre o Apocalipse, além de ser autor do primeiro Dicionário de Escatologia do Preterismo e da primeira Bíblia de Estudo Preterista Parcial do Brasil.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

Introdução
Por que ter a Bíblia na mão não basta se você tem a história nos pés

Imagine um pasto tão grande que seja impossível enxergar seus limites. A imensidão das pastagens verdes transmite uma sensação de abundância, liberdade e segurança. Ali existe alimento suficiente para o rebanho, água para saciar a sede e espaço para as ovelhas caminharem. Entretanto, a simples existência de um pasto verdejante não significa que as ovelhas estejam completamente protegidas. É necessário estabelecer limites, porque uma ovelha pode se afastar sem perceber, entrar em terrenos perigosos, cair em um abismo ou se tornar presa fácil para os lobos.

É por isso que existem as cercas.

A cerca não diminui a extensão do pasto nem impede que as ovelhas desfrutem do alimento que existe dentro dele. Pelo contrário, ela estabelece os limites dentro dos quais o rebanho pode permanecer protegido. Uma boa cerca não é inimiga da liberdade da ovelha; é uma proteção contra os perigos que existem fora do lugar onde ela deveria estar.

Essa imagem serve muito bem para compreendermos a relação entre as Sagradas Escrituras e os Credos e Confissões de Fé produzidos pela Igreja ao longo da história. As Escrituras são o grande pasto no qual o povo de Deus encontra alimento. Elas são a

revelação escrita de Deus e possuem autoridade suprema sobre a fé e a vida cristã. Nenhum Credo, Confissão, pastor, teólogo, concílio ou tradição pode ocupar o lugar que pertence às Escrituras.

Mas isso não significa que a Igreja tenha sido chamada para viver sem cercas.

Ao longo de sua história, a Igreja precisou formular declarações de fé justamente porque surgiram pessoas interpretando as Escrituras de maneiras que contradiziam aquilo que os cristãos haviam recebido desde o princípio. Quando uma doutrina ameaçava a verdade acerca de Deus, de Cristo, da salvação ou de qualquer outro elemento fundamental da fé cristã, a Igreja precisou responder: "Isto é o que entendemos que as Escrituras ensinam, e não permitiremos que uma interpretação contrária destrua essa verdade".

É nesse sentido que os Credos e as Confissões podem ser comparados a cercas. Eles não são o pasto. Não são uma segunda Bíblia. Não constituem uma nova revelação divina. São documentos humanos e, portanto, falíveis. Entretanto, podem funcionar como marcos doutrinários que ajudam a Igreja a reconhecer os limites da fé cristã e a identificar interpretações que já foram examinadas e consideradas incompatíveis com o ensino das Escrituras.

Foi justamente nesse ponto que, durante muitos anos, eu mesmo compreendi de maneira inadequada o princípio da Sola Scriptura. Eu imaginava que defender a autoridade das Escrituras significava, na prática, adotar uma espécie de "eu e minha Bíblia", como se a maneira mais fiel de seguir a Palavra de Deus fosse afastar qualquer influência de pastores, mestres, teólogos, Credos, Confissões ou da própria história da Igreja. A ideia parecia inicialmente muito nobre: se a Bíblia é a Palavra de Deus, por que eu precisaria de outra coisa?

O problema é que essa concepção não consegue explicar adequadamente como Deus quis que sua verdade fosse ensinada e

preservada no meio do seu povo. A Bíblia realmente é a autoridade suprema, mas o cristão não recebeu a missão de descobrir sozinho, pela primeira vez, tudo aquilo que a Igreja vem estudando há séculos. Nós não somos os primeiros cristãos a abrir uma Bíblia, e seria uma enorme presunção imaginar que nossa leitura individual possui, por si mesma, mais segurança do que a reflexão acumulada de gerações inteiras de cristãos.

As próprias Escrituras mostram que Deus concedeu à Igreja homens encarregados de ensinar e edificar o povo. Paulo afirma que Cristo "deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres", tendo em vista "o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo" (Efésios 4:11-12). Portanto, a intenção de Deus nunca foi que cada cristão fosse uma ilha espiritual, isolada do restante do corpo de Cristo e responsável por construir sozinho sua compreensão da fé.

A Igreja é um corpo, e corpos possuem diferentes membros e funções. Existem pastores, mestres, evangelistas e outros dons concedidos por Deus para que os cristãos sejam ensinados, amadureçam e não sejam facilmente levados "em roda por todo vento de doutrina" (Efésios 4:14). A existência desses ministérios já demonstra que a vida cristã não foi projetada em torno do princípio "somente eu e minha Bíblia".

Isso também nos ajuda a compreender um problema muito comum na interpretação bíblica: a visão extremamente limitada daquilo que poderíamos chamar de "a ovelha sozinha". Uma pessoa pode ler sinceramente a Bíblia, amar a Palavra de Deus e, ainda assim, chegar a uma conclusão equivocada. Ela pode conhecer determinado versículo, mas desconhecer seu contexto; pode conhecer uma passagem, mas não perceber como outras passagens precisam ser consideradas; pode encontrar uma interpretação aparentemente

simples sem saber que aquela mesma questão foi discutida durante séculos por cristãos muito mais preparados do que ela.

Veja, por exemplo, Mateus 24:36, onde Jesus diz: "Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai". Uma pessoa pode ler esse versículo e concluir imediatamente que, até o presente momento, Jesus não sabe o dia e a hora de sua segunda vinda. Porém, uma conclusão dessa natureza exige muito mais do que simplesmente ler a frase. É preciso considerar o contexto do discurso, a identidade de Cristo, o ensino do restante do Novo Testamento, a relação entre sua humanidade e sua divindade e, naturalmente, a maneira como os cristãos ao longo da história compreenderam esse texto.

Esse exemplo mostra como uma leitura aparentemente simples pode esconder questões extremamente complexas. O problema não está em ler a Bíblia de maneira simples quando o texto é simples; o problema surge quando confundimos nossa primeira impressão do texto com o verdadeiro significado do texto.

O apóstolo Pedro escreveu que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação (2 Pedro 1:20). Embora a passagem tenha um contexto específico relacionado à origem e à natureza da profecia, ela nos lembra de algo importante: a revelação de Deus não deve ser tratada como propriedade particular do intérprete. A Palavra pertence à Igreja, e sua interpretação não deve ser construída em completo isolamento da comunidade da fé.

É justamente por isso que a história da Igreja possui importância. Durante aproximadamente dois mil anos, cristãos estudaram as Escrituras, enfrentaram heresias, discutiram doutrinas, corrigiram erros, formularam respostas e transmitiram aquilo que receberam das gerações anteriores. Naturalmente, isso não significa que tudo aquilo que foi ensinado na história da Igreja esteja correto. Pastores erram, teólogos erram, concílios podem errar e documentos confessionais

também podem conter formulações que precisem ser revistas. A Igreja é composta por seres humanos falíveis.

Mas reconhecer a falibilidade da Igreja não significa concluir que sua história seja irrelevante.

Existe uma diferença enorme entre dizer "os cristãos do passado podiam errar" e dizer "portanto, não precisamos ouvir nenhum cristão do passado". A primeira afirmação é simplesmente reconhecer a limitação humana. A segunda nos coloca diante de uma espécie de individualismo histórico no qual cada geração acredita ter condições de começar novamente do zero.

E isso é particularmente perigoso quando estamos tratando de doutrina.

Nós chegamos muito tarde à história da Igreja. Antes de nós existiram homens que dedicaram a vida inteira ao estudo das Escrituras. Existiram cristãos que enfrentaram perseguições e morreram defendendo aquilo que criam. Existiram pastores e mestres que passaram décadas examinando as mesmas questões que hoje julgamos ter resolvido depois de uma leitura rápida de alguns versículos. Ignorar completamente esse patrimônio não é sinal de maior fidelidade bíblica; muitas vezes pode ser simplesmente falta de consciência da nossa própria limitação.

É nesse contexto que podemos compreender melhor a importância dos Credos e das Confissões de Fé. Eles não possuem a mesma autoridade das Escrituras, e nenhum cristão deveria tratá-los como se fossem infalíveis. Entretanto, eles registram a maneira como a Igreja, em determinados momentos da história, compreendeu e defendeu aquilo que considerava ser o ensino das Escrituras. Quando confessamos uma doutrina juntamente com gerações de cristãos que vieram antes de nós, estamos reconhecendo que nossa fé não nasceu ontem.

A existência da Igreja como comunidade histórica também encontra respaldo no próprio Novo Testamento. Paulo chama a Igreja de "a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade" (1 Timóteo 3:15). Isso não significa que a Igreja seja a fonte da verdade ou que esteja acima das Escrituras. Significa que Deus confiou ao seu povo uma responsabilidade real de sustentar, proclamar, ensinar e defender a verdade.

Da mesma maneira, Jesus prometeu aos seus discípulos a atuação do Espírito Santo, dizendo: "Quando vier, porém, aquele Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade" (João 16:13). Essa promessa não deve ser transformada em uma justificativa para que cada indivíduo atribua suas próprias interpretações ao Espírito Santo. O Novo Testamento apresenta o Espírito atuando no povo de Deus, conduzindo a Igreja na compreensão e preservação da verdade recebida de Cristo e dos apóstolos.

É por isso que a existência dos Credos e das Confissões de Fé não deve nos assustar. Eles precisam ser examinados à luz das Escrituras, mas também precisam ser compreendidos dentro da história das controvérsias que os produziram. Muitas vezes, aquilo que parece para nós uma frase desnecessariamente detalhada em um Credo nasceu porque alguém, em algum momento, tentou distorcer uma verdade bíblica fundamental. A Igreja então precisou estabelecer uma cerca mais firme.

Foi assim que muitas doutrinas foram definidas.

Não porque a Igreja estivesse acrescentando alguma coisa à Bíblia, mas porque estava dizendo, diante de interpretações concorrentes: "É isto que entendemos que a Bíblia ensina, e é isto que a Igreja recebeu e confessou".

Portanto, não precisamos escolher entre as Escrituras e a Igreja, como se fossem duas autoridades concorrentes. A questão é compreender corretamente seus respectivos lugares. As Escrituras são a autoridade máxima e normativa da fé cristã. A Igreja possui autoridade real, mas derivada e subordinada às Escrituras. Pastores e mestres possuem autoridade para ensinar, mas devem ensinar de acordo com a Palavra. Credos e Confissões possuem valor histórico e doutrinário, mas devem ser julgados pela Escritura.

A cerca não é maior do que o pasto.

Mas isso não significa que a cerca seja inútil.

Pelo contrário: quanto mais precioso é o pasto, mais importante se torna protegê-lo.

É com essa perspectiva que este livro foi escrito. Quero examinar a relação entre a Escritura e a Igreja, entre a autoridade da Palavra e a autoridade daqueles que receberam de Deus a responsabilidade de ensinar o seu povo. Quero mostrar por que os Credos e as Confissões de Fé não devem ser tratados como rivais das Escrituras e por que a expressão Sola Scriptura jamais deveria ser transformada em "somente eu e minha Bíblia".

A Igreja não recebeu autorização para criar uma nova verdade. Recebeu a responsabilidade de guardar e proclamar a verdade que recebeu.

Por isso, quando olhamos para as milhares de denominações existentes no mundo, não precisamos enxergar apenas uma enorme fragmentação. Há, por trás dessa diversidade, uma história muito maior de continuidade, confissão e testemunho. Existem diferenças reais entre os cristãos, algumas delas importantes e outras secundárias, mas também existe um vasto patrimônio comum que atravessa séculos e fronteiras.

O objetivo deste livro não é colocar a cerca acima do pasto, mas mostrar por que precisamos das duas coisas: da riqueza das Escrituras e dos limites doutrinários que ajudam a protegê-las contra interpretações destrutivas.

Porque o perigo não está apenas em abandonar a Bíblia. Às vezes, o perigo está em afirmar que seguimos somente a Bíblia enquanto, na realidade, estamos seguindo apenas a nossa própria interpretação dela.

E talvez essa seja uma das maiores ilusões do cristianismo moderno: pensar que uma ovelha isolada, com uma Bíblia nas mãos, está necessariamente mais segura do que um rebanho inteiro caminhando dentro do pasto, sob o cuidado dos pastores e protegido pelas cercas que a Igreja levantou ao longo dos séculos.

A Palavra continua sendo o nosso pasto. Mas Deus nunca disse que as ovelhas deveriam viver sem cerca.

Capitulo 1
O Pasto Infinito

A Bíblia é inesgotável. Ninguém a esgota.

Há algo extraordinário na Palavra de Deus: quanto mais nos alimentamos dela, mais percebemos a profundidade de suas riquezas. A Bíblia pode ser lida durante uma vida inteira e, ainda assim, continuar nos surpreendendo, corrigindo nossos caminhos, iluminando nossa compreensão e revelando novas dimensões das verdades que já conhecemos.

Não é que a Palavra mude, mas nós crescemos em nossa capacidade de compreendê-la. Aquilo que lemos na juventude pode ganhar novos contornos na maturidade. Um texto que antes parecia simples pode, anos depois, revelar uma profundidade que não havíamos percebido. A mesma passagem que nos consolou em um momento de sofrimento pode nos confrontar em outra fase da vida.

A Palavra de Deus é como um pasto vasto, onde gerações inteiras encontram alimento sem jamais consumir toda a sua riqueza.

O salmista declara:

"Abre os meus olhos, para que eu veja as maravilhas da tua lei".
— Salmo 119:18

Observe que o salmista não pede uma nova Palavra, mas olhos abertos para enxergar as maravilhas da Palavra que já recebeu. O problema nem sempre está na ausência de revelação escrita, mas na limitação da nossa percepção. Precisamos de humildade, atenção e iluminação para compreender aquilo que Deus nos deu.

O apóstolo Paulo expressa essa mesma realidade ao falar das riquezas da sabedoria e do conhecimento de Deus:

"Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!"

— Romanos 11:33

Se os caminhos e a sabedoria de Deus são tão profundos, não devemos nos surpreender com o fato de que sua Palavra continue alimentando a Igreja ao longo dos séculos. A Bíblia não é um livro que se esgota nas mãos de uma geração. É a Escritura recebida, estudada e proclamada por gerações que precisam novamente ouvir, compreender e obedecer à mesma verdade.

Isso não significa que todo texto bíblico seja impossível de compreender ou que cada leitura precise produzir uma descoberta inédita. Significa que a riqueza das Escrituras ultrapassa a capacidade de qualquer indivíduo de conhecer todas as suas implicações, conexões e aplicações.

Ninguém possui a Bíblia por completo apenas porque a leu muitas vezes. Conhecer versículos não é o mesmo que compreender toda a mensagem bíblica. E compreender uma doutrina não significa ter esgotado tudo o que a Escritura ensina sobre ela.

Por isso, a atitude correta diante da Palavra não é a arrogância de quem pensa já saber tudo, mas a disposição de quem continua aprendendo.

Por que Deus nos deu um livro tão grande?

Uma pergunta importante precisa ser feita: se Deus poderia ter revelado sua vontade em poucas páginas, por que nos deu uma coleção tão extensa de livros, histórias, leis, poesias, profecias, evangelhos e cartas?

A Bíblia não é apenas um conjunto de frases isoladas que apresentam regras religiosas. Ela narra a história dos atos de Deus, revela seu caráter, expõe o pecado humano, anuncia suas promessas e testemunha o cumprimento de seu plano de redenção em Jesus Cristo.

Desde a criação, em Gênesis, até a consumação de todas as coisas, em Apocalipse, encontramos uma história que se desenvolve ao longo de séculos. Deus chama, promete, estabelece alianças, corrige seu povo, anuncia a vinda do Messias e, na plenitude dos tempos, revela seu Filho.

O autor de Hebreus resume essa progressão da revelação:

"Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho".

— Hebreus 1:1-2

A revelação bíblica possui uma história. Deus não entregou toda a Escritura de uma só vez, em um único momento, a uma única pessoa.

Ao longo do tempo, falou por meio de seus servos, em diferentes circunstâncias, até que a revelação alcançasse seu centro e cumprimento em Jesus Cristo.

Por isso, precisamos da extensão das Escrituras. Precisamos da criação para compreender de onde viemos; da queda para entender a gravidade do pecado; das alianças para acompanhar as promessas divinas; dos profetas para reconhecer a esperança messiânica; dos Evangelhos para conhecer a pessoa e a obra de Cristo; e das cartas apostólicas para compreender as implicações de sua obra para a Igreja.

Se retirássemos partes dessa história, perderíamos conexões essenciais. Sem Gênesis, nossa compreensão da criação e da queda seria prejudicada. Sem o Êxodo, perderíamos uma das grandes imagens bíblicas da libertação. Sem os profetas, deixaríamos de perceber muitas das promessas e expectativas que cercavam a chegada do Messias. Sem os Evangelhos, não teríamos o testemunho escrito que nos apresenta a vida, a morte e a ressurreição de Jesus. Sem as cartas apostólicas, nossa compreensão da vida da Igreja e das implicações do evangelho ficaria incompleta.

A Bíblia é extensa porque a história da redenção é rica e porque Deus quis nos dar mais do que uma lista de mandamentos: quis nos revelar, por meio das Escrituras, quem ele é, quem somos, o que fez por nós e para onde conduz sua criação.

Paulo explica a utilidade dessa Palavra:

"Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça".

— 2 Timóteo 3:16

A Escritura ensina o que devemos crer, repreende aquilo que está errado, corrige nossos desvios e nos educa para uma vida justa. Ela

não serve apenas para responder perguntas religiosas; serve também para formar um povo que conheça a Deus e viva de maneira coerente com sua verdade.

O versículo seguinte acrescenta que o propósito é preparar o servo de Deus para toda boa obra (2 Timóteo 3:17). Portanto, a finalidade da Palavra não é simplesmente aumentar nosso conhecimento, mas transformar nossa maneira de pensar, crer e viver.

Um pasto que alimenta todas as gerações

A imagem do pasto nos ajuda a compreender a relação entre a Igreja e as Escrituras.

O pasto existe para alimentar as ovelhas. Não basta contemplar sua beleza à distância; é necessário alimentar-se dele. Da mesma forma, não basta possuir uma Bíblia, exibi-la ou citá-la ocasionalmente. Precisamos ouvi-la, estudá-la, compreendê-la e obedecer-lhe.

O próprio Jesus declarou:

"Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus".

— Mateus 4:4

A Palavra é alimento para a vida espiritual. Sem ela, a Igreja corre o risco de substituir a verdade divina pelas preferências de sua época, pelas opiniões de seus líderes ou pelas ideias que parecem mais agradáveis aos ouvidos humanos.

Pedro também compara a vida cristã ao desejo por alimento:

“Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação”.

— 1 Pedro 2:2

Existe, nesse texto, uma relação direta entre alimento e crescimento. A Igreja não amadurece simplesmente porque o tempo passa, nem porque acumula atividades, prédios ou programas. Ela amadurece quando se alimenta da verdade de Deus e aprende a viver segundo essa verdade.

É importante, porém, compreender que esse alimento não foi destinado apenas a indivíduos isolados. Deus também deu à Igreja pastores e mestres para ensinar sua Palavra, equipar os santos e promover a maturidade do corpo de Cristo (Efésios 4:11-14).

Isso significa que ler a Bíblia pessoalmente é indispensável, mas não torna desnecessária a vida comunitária. Precisamos estudar as Escrituras, ouvir a pregação fiel, aprender com cristãos maduros e examinar nossas conclusões à luz da própria Palavra.

A Igreja de Cristo atravessa gerações alimentando-se das mesmas Escrituras. Cada geração tem suas perguntas, suas crises e suas tentações, mas nenhuma recebe autorização para substituir o evangelho por uma nova mensagem. A tarefa da Igreja é transmitir fielmente aquilo que recebeu.

Judas exorta os cristãos a batalharem “diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Judas 3). Essa fé não é uma invenção de cada época. É o conteúdo recebido e confessado pelo povo de Deus, que deve ser preservado e proclamado.

O pasto permanece; as gerações passam. A tarefa da Igreja é continuar conduzindo as ovelhas ao alimento verdadeiro.

A profundidade da Bíblia não autoriza qualquer interpretação

Aqui precisamos fazer uma distinção fundamental.

Dizer que a Bíblia é inesgotável não significa afirmar que ela pode significar qualquer coisa. A profundidade das Escrituras não elimina seu sentido, e a riqueza de sua mensagem não concede ao leitor liberdade para inventar doutrinas conforme suas preferências.

Pedro reconhece que algumas coisas nas cartas de Paulo são difíceis de entender e que pessoas ignorantes e instáveis distorcem as Escrituras para sua própria destruição (2 Pedro 3:15-16). O problema, portanto, não é a profundidade da Palavra, mas a possibilidade de o ser humano lidar com ela de maneira irresponsável.

A Bíblia precisa ser interpretada com cuidado, considerando o contexto, o propósito do autor, o lugar de cada passagem na história da redenção e a harmonia do conjunto das Escrituras.

Uma passagem não deve ser arrancada de seu contexto para sustentar uma ideia que o restante da Bíblia não confirma. Um versículo isolado não pode receber o peso de uma doutrina inteira sem que examinemos o testemunho bíblico mais amplo.

Os cristãos de Bereia são apresentados como exemplo justamente porque examinavam as Escrituras para verificar o que ouviam (Atos 17:11). Eles não aceitavam uma mensagem apenas pela autoridade de quem a anunciava. Conferiam o ensino recebido à luz da Palavra.

Esse exemplo nos ensina duas coisas. Primeiro, devemos examinar o que nos é ensinado. Segundo, esse exame precisa ser feito com seriedade, e não como pretexto para rejeitar qualquer ensino com o qual não concordamos.

A Bíblia é a autoridade que julga nossas ideias, não um instrumento que manipulamos para justificar nossas preferências.

Por isso, a humildade é indispensável. O leitor fiel não pergunta somente: "Como posso usar este texto para defender o que já penso?", mas também: "O que Deus está ensinando aqui, e o que preciso corrigir em minha maneira de pensar?".

A Palavra de Deus é inesgotável, mas não é contraditória em seu testemunho. Sua riqueza nos convida a aprofundar a compreensão, não a abandonar os limites da verdade.

O pasto e a necessidade de proteção

Se a Bíblia é tão rica, tão profunda e tão essencial para a vida da Igreja, surge uma questão inevitável: como proteger o rebanho de interpretações que distorcem esse alimento?

A própria Escritura nos alerta para a existência de falsos mestres e ensinos que afastam as pessoas da verdade. Paulo adverte os presbíteros de Éfeso de que surgiriam lobos vorazes que não poupariam o rebanho e de que até mesmo dentre eles se levantariam homens falando coisas pervertidas para atrair discípulos (Atos 20:28-30).

A imagem é séria. O rebanho precisa de alimento, mas também precisa de cuidado. Não basta dizer que existe pasto; é necessário discernir se as ovelhas estão sendo conduzidas ao alimento verdadeiro.

Isso não significa que a Igreja possa colocar-se acima das Escrituras, como se sua autoridade fosse superior à Palavra de Deus. Pelo contrário: sua responsabilidade é permanecer debaixo da Palavra, ensinando o que ela ensina e rejeitando aquilo que a contradiz.

A Igreja não é dona do pasto. É serva da verdade que recebeu.

É justamente aqui que começamos a perceber a relação entre o pasto e a cerca. O pasto representa a riqueza inesgotável das Escrituras, nas quais o povo de Deus encontra alimento para a fé. A cerca representa os limites necessários para proteger o rebanho contra os perigos que ameaçam sua alimentação e sua vida.

Uma cerca não existe para empobrecer o pasto, mas para proteger o rebanho. Da mesma forma, os limites doutrinários não devem impedir o aprofundamento na Palavra, mas ajudar a Igreja a distinguir entre o ensino fiel e a distorção da verdade.

A Bíblia continua sendo a fonte que alimenta o povo de Deus. E a Igreja, ao longo dos séculos, tem procurado expressar e defender as verdades centrais que recebeu das Escrituras. É nesse contexto que compreenderemos a importância dos credos cristãos: não como substitutos da Bíblia, mas como testemunhos históricos da fé que a Igreja reconheceu e confessou.

O pasto é vasto. Nenhuma geração pode reivindicar que esgotou suas riquezas. Mas a vastidão do pasto não significa que qualquer caminho conduza ao alimento verdadeiro.

Precisamos continuar estudando as Escrituras com reverência, examinando tudo com discernimento e permanecendo firmes na fé transmitida aos santos.

Porque a Igreja não foi chamada a inventar uma nova verdade a cada geração. Foi chamada a conhecer, guardar e proclamar a verdade de Deus.

E, para cumprir essa missão, precisamos tanto do pasto que alimenta quanto da cerca que protege.

Capitulo 2
A Cerca Necessária

O que é um Credo e por que a Igreja precisou fazer cercas

A palavra Credo vem do latim credo, que significa simplesmente "eu creio". Um Credo é uma declaração resumida daquilo que a Igreja entende que as Escrituras ensinam. Portanto, o Credo não é uma nova revelação e muito menos uma segunda Bíblia. A autoridade suprema continua sendo a Escritura. O Credo é uma confissão daquilo que a Igreja, ao longo da história, reconheceu nas Escrituras como verdade fundamental da fé cristã.

Mas aqui precisamos tocar em um ponto que incomoda muita gente: por que alguns cristãos dizem que não precisam de Credos? A resposta geralmente é: "Eu só sigo a Bíblia". Parece uma frase extremamente piedosa, mas existe uma pergunta inevitável: o que você acredita que a Bíblia ensina?

A partir do momento em que essa pessoa começa a responder, ela começa a formular sua própria confissão de fé. Se ela diz: "Eu creio na Trindade", acabou de fazer uma afirmação doutrinária. Se diz: "Eu creio que Jesus é Deus", fez outra. Se afirma: "Eu creio que o batismo deve ser assim", estabeleceu outra doutrina. Se ensina: "Eu creio que a segunda vinda aconteceu no ano 70", também está

fazendo uma afirmação confessional. Portanto, ninguém consegue fugir do Credo simplesmente dizendo que não possui um Credo.

A questão verdadeira não é "Credo ou não Credo?". A questão é: "Qual é o seu Credo e de onde ele veio?"

É aqui que a rejeição dos Credos pode se tornar uma espécie de hipocrisia. O homem que diz "não sigo Credos" geralmente não permanece em silêncio. Ele lê a Bíblia, interpreta a Bíblia e depois vai ensinar aos outros aquilo que acredita que a Bíblia significa. Ele diz: "A Bíblia ensina isso e não aquilo". Ora, ele acabou de confessar aquilo em que crê. Ele possui um credo; simplesmente não o chama de Credo.

E existe algo ainda mais perigoso: quando alguém rejeita os Credos históricos, mas transforma sua própria interpretação em regra para os demais, pode acabar colocando sua interpretação particular exatamente no lugar que diz querer reservar somente às Escrituras. A frase "somente a Bíblia" pode, nesse caso, esconder outra frase: "somente a minha interpretação da Bíblia".

Isso é muito diferente da verdadeira Sola Scriptura. Sola Scriptura nunca significou "Sola Me": somente eu, minha Bíblia e minha interpretação particular. A Escritura é a autoridade suprema, mas Deus não deixou sua Igreja abandonada à própria sorte. Ele concedeu pastores, mestres e outros ministérios para o aperfeiçoamento dos santos (Efésios 4:11-12). A própria Bíblia apresenta a Igreja como responsável por sustentar e proclamar a verdade (1 Timóteo 3:15).

A necessidade dessas "cercas" aparece porque o povo de Deus sempre esteve sujeito ao perigo do erro. Paulo advertiu os presbíteros de Éfeso: "Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho; e que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas" (Atos 20:29-30). Observe que o perigo não viria somente de fora. Alguns

dos próprios membros da comunidade poderiam começar a ensinar coisas distorcidas.

Por isso, a cerca não prende a ovelha; ela a protege do lobo e do precipício. Uma cerca estabelece limites dentro dos quais existe segurança. Da mesma maneira, uma doutrina claramente confessada ajuda a Igreja a reconhecer quando determinada interpretação ultrapassou os limites da fé cristã recebida.

Paulo explica que Cristo concedeu pastores e mestres justamente para que os cristãos não permaneçam como crianças, "agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina" (Efésios 4:14). Portanto, a maturidade cristã não consiste em desprezar tudo aquilo que veio antes de nós. Pelo contrário, maturidade também significa saber ouvir, examinar, comparar e aprender.

É por isso que a Igreja precisou formular Credos. Quando surgia uma interpretação que ameaçava aquilo que ela entendia ser o ensino bíblico, era necessário dizer claramente: "Nós cremos nisto." Não para acrescentar uma nova revelação à Bíblia, mas para estabelecer publicamente aquilo que a Igreja entendia que a Bíblia ensinava.

Foi assim que questões fundamentais sobre a pessoa de Cristo, por exemplo, precisaram ser definidas. João havia escrito: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (João 1:1), e também: "o Verbo se fez carne" (João 1:14). Quando interpretações começaram a negar aspectos fundamentais dessa verdade, a Igreja precisou colocar sua compreensão em palavras claras.

E aqui está uma ironia histórica: muitos daqueles que atacam os Credos acabam criando declarações doutrinárias tão rígidas quanto os Credos que rejeitaram. As Testemunhas de Jeová, por exemplo, possuem uma doutrina extremamente definida sobre Deus, Cristo,

Espírito Santo, salvação, ressurreição e escatologia. O fato de não aceitarem o Credo Niceno não significa que sejam "sem credo". Significa que possuem outra confissão doutrinária.

O mesmo princípio pode ser observado em movimentos cristãos que rejeitam completamente as confissões históricas. No campo do preterismo, por exemplo, o preterismo completo leva determinadas profecias do Novo Testamento à consumação no primeiro século e, em suas formas mais radicais, entra em conflito com doutrinas cristãs históricas sobre a ressurreição corporal e a consumação futura. O ponto aqui não é simplesmente dizer que alguém se torna herege porque rejeitou um Credo. O ponto é perceber o padrão: primeiro se rejeita a cerca; depois se começa a estabelecer uma nova cerca, construída segundo a própria interpretação.

Esse é o perigo.

O homem pode dizer: "Não quero que nenhum homem coloque limites na minha interpretação da Bíblia". Mas, quando começa a ensinar os outros, ele mesmo coloca limites. Ele passa a dizer o que pode e o que não pode ser acreditado. Passa a definir quem está certo e quem está errado. Passa a construir argumentos para defender sua posição. Ele constrói uma cerca — apenas decidiu colocar seu próprio nome na placa.

Por isso, precisamos ter cuidado com a falsa humildade de quem diz: "Eu não sigo teólogos, não sigo tradições, não sigo Credos; sigo somente Jesus e a Bíblia". Muitas vezes essa frase parece humilde, mas pode esconder uma enorme confiança na própria capacidade de interpretar corretamente tudo sozinho.

Os bereanos nos oferecem um caminho muito mais equilibrado. Eles ouviram Paulo, mas "examinavam cada dia as Escrituras para ver se as coisas eram, de fato, assim" (Atos 17:11). Eles não desprezaram o ensino apostólico, mas também não aceitaram cegamente aquilo

que ouviram. Ouviram e examinaram. Receberam o ensino e conferiram nas Escrituras.

Esse é o equilíbrio: ouvimos a Igreja, aprendemos com pastores e mestres, conhecemos os Credos e Confissões, recebemos a experiência histórica do povo de Deus, mas submetemos tudo às Escrituras.

Judas fala de "batalhar diligentemente pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (Judas 3). Paulo ordena que aquilo que foi recebido seja transmitido fielmente a outros (2 Timóteo 2:2). Existe, portanto, um conteúdo da fé cristã que deve ser preservado e transmitido. A Igreja não recebeu autorização para reinventar o cristianismo a cada geração.

É por isso que a existência de uma tradição doutrinária não deveria nos assustar. O problema não é a tradição; o problema é uma tradição que se coloca acima da Escritura. O problema também não é uma confissão de fé; o problema é uma confissão que se torna intocável e infalível. A Escritura julga a Igreja, mas a Igreja não deixa de ensinar porque sabe que pode ser corrigida pela Escritura.

Paulo chega a dizer que a Igreja é "a coluna e baluarte da verdade" (1 Timóteo 3:15). Isso não significa que a Igreja seja dona da verdade ou que esteja acima da Bíblia. Significa que ela possui uma responsabilidade histórica de sustentar, proclamar, defender e transmitir a verdade recebida.

Precisamos, portanto, recuperar uma visão equilibrada. A Escritura é o pasto; os Credos são parte da cerca. O pasto alimenta. A cerca protege. O pasto é a autoridade suprema. A cerca não pode substituir o pasto. Mas desprezar completamente a cerca é deixar as ovelhas expostas ao lobo, ao precipício e à confusão.

No final, todos terão alguma coisa para dizer: "Eu creio." O herege também dirá "eu creio". O falso mestre também dirá "eu creio". O cristão ortodoxo dirá "eu creio". A pergunta nunca foi se teremos uma confissão. A pergunta é se aquilo que confessamos corresponde verdadeiramente às Escrituras e à fé cristã que recebemos.

Por isso, não devemos ter vergonha dos Credos. Devemos examiná-los, confrontá-los com a Escritura e reconhecer seu lugar. Eles não são o pasto, mas ajudam a cercar o pasto. Não são a Palavra de Deus, mas testemunham aquilo que a Igreja entendeu que a Palavra de Deus ensina.

A cerca não é maior que o pasto. Mas uma igreja que destrói todas as cercas não se torna mais livre; torna-se mais vulnerável. E, quando cada ovelha começa a construir sua própria cerca, rapidamente já não temos um rebanho unido, mas centenas de pequenos pastos particulares, cada um defendido por seu próprio "eu creio".

Capitulo 3
O Centro que Nunca Mudou

O que todo cristão, em todo lugar, sempre creu
Existe um centro da fé cristã que atravessou
os séculos sem mudar

Podemos dizer: todo cristão, em todo lugar, sempre creu que Deus é Deus, que Cristo é o Filho de Deus, que Jesus Cristo veio em carne, morreu e ressuscitou, que a salvação pertence à graça de Deus e que haverá ressurreição e juízo.

As pessoas discutiram — e continuam discutindo — muitas coisas ao redor desse centro. Mas o centro permaneceu.

É isso que torna a história da Igreja tão interessante. Durante dois mil anos, cristãos de diferentes épocas, países, culturas e tradições discordaram sobre muitas questões. Mas, quando chegamos ao coração da fé, encontramos uma confissão que atravessa as gerações.

Um Deus.
Pai, Filho e Espírito Santo.
Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.
Salvação pela graça.
Morte e ressurreição de Cristo.
Ressurreição dos mortos.
Juízo.

Esse centro não foi inventado séculos depois pelos grandes concílios. Os concílios deram linguagem mais precisa a verdades que a Igreja já confessava desde os primeiros tempos.

Irineu de Lião, escrevendo no século II, testemunha isso de maneira impressionante. Ele afirma que, embora a Igreja estivesse espalhada pelo mundo inteiro, havia uma mesma fé: um Deus, o Pai; um Cristo Jesus, o Filho de Deus, que se encarnou para nossa salvação; e o Espírito Santo. Ele também menciona o nascimento de Cristo, sua paixão, ressurreição, ascensão e o futuro juízo.

Irineu, Contra as Heresias, I.10.1.

Ou seja, muito antes das divisões denominacionais que conhecemos hoje, esse centro já estava presente.

E esse centro não nasceu da imaginação da Igreja. Ele nasceu das Escrituras.

Deus é um

O cristianismo nunca ensinou a existência de três deuses. Desde o princípio, a Igreja confessou um único Deus.

Moisés já havia declarado:

"Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor".

Deuteronômio 6:4

Mas o Novo Testamento apresenta esse único Deus como Pai, Filho e Espírito Santo.

Jesus ordenou aos seus discípulos:

"Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo".

Mateus 28:19

Observe que Jesus não diz "nos nomes", como se fossem três deuses. Ele diz "em nome".

Paulo também encerra sua segunda carta aos Coríntios dizendo:

"A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós".

2 Coríntios 13:13

Pai, Filho e Espírito Santo aparecem juntos.

Por isso, quando posteriormente a Igreja falou da Trindade, ela não estava criando um novo Deus. Estava tentando explicar com mais precisão aquilo que já encontrava nas Escrituras: um único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo.

Tertuliano, no início do século III, já utilizava a linguagem de "Trindade" ao defender a unidade de Deus e a distinção entre Pai, Filho e Espírito Santo.

Tertuliano, Contra Práxeas, capítulos 2 e 3.

A palavra poderia ser nova para alguns, mas a verdade que ela procurava proteger não era nova.

Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem

Aqui está outro ponto que nunca poderia ser abandonado sem que o próprio cristianismo fosse destruído.

Jesus não é apenas um grande profeta. Não é simplesmente um homem escolhido por Deus. Também não é Deus fingindo ser homem. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

João começa seu Evangelho com palavras poderosas:

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus".

João 1:1

E depois afirma:

"E o Verbo se fez carne e habitou entre nós".

João 1:14

Está aí o coração da encarnação. O Verbo era Deus. E o Verbo se fez carne.

Paulo diz algo semelhante quando afirma que Cristo, "subsistindo em forma de Deus", assumiu "a forma de servo", tornando-se semelhante aos homens. Filipenses 2:6-8.

Não estamos diante de duas pessoas diferentes. É o mesmo Cristo.

O Filho eterno entrou na nossa história.

Por isso, desde os primeiros séculos, a Igreja combateu aqueles que negavam a verdadeira humanidade ou a verdadeira divindade de Cristo.

Irineu, por exemplo, escreveu contra aqueles que separavam Cristo de sua verdadeira humanidade. Para ele, aquele que era o Filho eterno de Deus realmente havia assumido a carne humana.

Irineu, Contra as Heresias, III.18.

Séculos mais tarde, o Concílio de Calcedônia, em 451, colocou isso em uma fórmula muito conhecida: Cristo é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, uma só pessoa, reconhecido em duas naturezas.

A linguagem ficou mais técnica. Mas a verdade continuou sendo a mesma.

Jesus é Deus.
Jesus é homem.
Jesus é um só Cristo.

Salvação pela graça

Outro ponto que atravessa toda a história cristã é a salvação pela graça. O homem não consegue comprar sua salvação. Não consegue apresentá-la como pagamento diante de Deus. Não consegue dizer: "Deus, eu fiz o suficiente; agora o Senhor me deve a salvação".

Paulo destrói essa ideia quando escreve:

"Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus".

Efésios 2:8

E continua:

"Não de obras, para que ninguém se glorie".

Efésios 2:9

A salvação é graça. Isso não significa que os cristãos nunca discutiram sobre fé e obras, graça e vontade humana, eleição e responsabilidade. Discutiram muito.

Agostinho escreveu extensamente sobre a graça de Deus. Depois dele, diferentes tradições cristãs desenvolveram explicações diferentes sobre como a graça opera na salvação.

Mas existe algo por baixo dessas discussões: o homem precisa ser salvo por Deus. A salvação não é uma conquista humana.

É por isso que a mensagem do Evangelho continua sendo tão poderosa. Deus faz pelo pecador aquilo que o pecador não poderia fazer por si mesmo.

Cristo morreu

O centro também inclui a cruz.

Jesus não veio apenas ensinar.

Ele veio morrer.

Paulo resume o Evangelho desta maneira:

"Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras".
1 Coríntios 15:3

A cruz não foi um acidente. Não foi simplesmente a tragédia de um homem inocente. Fazia parte do propósito redentor de Deus.

Pedro pregou no dia de Pentecostes:

"A este Jesus... vós matastes, crucificando-o por mãos de iníquos".
Atos 2:23

Mas a morte não foi o fim.

Cristo ressuscitou

Aqui chegamos a uma das colunas mais importantes de toda a fé cristã. Cristo ressuscitou. Não apenas espiritualmente. Não apenas na memória dos discípulos. Não apenas porque suas ideias continuaram vivas. Ele ressuscitou.

Paulo diz:

"Cristo morreu pelos nossos pecados... foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia".

1 Coríntios 15:3-4

E acrescenta:

"Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem".

1 Coríntios 15:20

Sem ressurreição, não existe cristianismo.

Paulo foi direto:

"E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé".

1 Coríntios 15:17

É por isso que a ressurreição aparece desde os primeiros testemunhos cristãos e permanece no centro da fé através dos séculos.

Haverá ressurreição

A ressurreição de Cristo aponta também para a ressurreição dos mortos. Essa esperança não é uma invenção medieval. Já estava no ensino apostólico.

Paulo declarou:

"Havendo de haver ressurreição, tanto de justos como de injustos".
Atos 24:15

E Jesus ensinou:

"Vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão".
João 5:28-29

Portanto, a esperança cristã não termina na morte. Cristo ressuscitou. E haverá ressurreição.

E haverá juízo

Finalmente, existe outra verdade que atravessa o Novo Testamento e a fé cristã: Deus julgará. A história não termina no caos. Não termina com o mal simplesmente desaparecendo. Não termina com Deus dizendo que nada importa.

Paulo declarou aos filósofos de Atenas:

"Deus... estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou".
Atos 17:31

Jesus também falou repetidamente sobre julgamento. Haverá prestação de contas. Haverá justiça. Haverá uma manifestação definitiva daquilo que Deus estabeleceu.

E aqui encontramos novamente aquilo que Irineu já confessava no século II: Cristo ressuscitou, subiu aos céus e haverá juízo.

Irineu, Contra as Heresias, I.10.1; III.4.2.

O centro permaneceu

Veja a grandeza disso.

> Durante dois mil anos, os cristãos discutiram muitas coisas.
>
> Discutiram batismo.
>
> Discutiram a Ceia.
>
> Discutiram dons espirituais.
>
> Discutiram governo da Igreja.
>
> Discutiram predestinação e livre-arbítrio.
>
> Discutiram santificação.
>
> Discutiram escatologia.
>
> E continuam discutindo.

Mas não podemos colocar todas essas questões no mesmo nível. Uma coisa é discutir quando determinada profecia se cumpriu. Outra coisa é discutir quem é Jesus. Uma coisa é discutir o significado do

milênio. Outra coisa é negar a ressurreição. Uma coisa é discutir diferentes entendimentos sobre os acontecimentos do fim. Outra coisa é negar que Cristo morreu e ressuscitou.

Existe um centro

E esse centro é muito antigo.

Ele está nas Escrituras.

Ele está na pregação apostólica.

Ele aparece nas confissões dos primeiros cristãos.

E atravessou os séculos.

Por isso, quando estudamos a história da doutrina cristã, não devemos imaginar que cada geração começou do zero. Não começou. A Igreja recebeu uma fé. Depois procurou compreendê-la melhor, defendê-la contra erros e expressá-la com maior precisão.

E aqui está uma distinção fundamental: o entendimento humano pode crescer sem que a verdade revelada mude. Podemos compreender melhor uma verdade que sempre esteve diante de nós. Foi assim com muitas questões doutrinárias. A Igreja não descobriu um novo Cristo no século IV. Não inventou a divindade de Cristo. Não inventou a ressurreição. Não inventou a graça. Não inventou o juízo. Essas coisas já estavam lá. Desde o começo. Por isso existe um centro. E esse centro permaneceu.

Deus é um.
Pai, Filho e Espírito Santo.
Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.
Cristo morreu pelos nossos pecados.

Cristo ressuscitou.
Somos salvos pela graça.
Haverá ressurreição.
Haverá juízo.

Podemos avançar muito na compreensão das Escrituras. Podemos corrigir interpretações. Podemos abandonar erros. Podemos descobrir que uma doutrina que recebemos na infância não possui o fundamento bíblico que imaginávamos.

Mas, enquanto fazemos isso, não precisamos destruir o fundamento. Porque há verdades que não pertencem a uma denominação. Não pertencem a um século. Não pertencem a uma escola teológica. Pertencem à fé cristã.

E esse é o centro que nunca mudou.

Capitulo 4
Até nas Brigas, o Centro Ficou

Batismo: Efusão, Aspersão ou Imersão
Ceia: Pão e Vinho, Presença Real, Espiritual ou Memorial
Como a Divergência Prova a Unidade

Há algo que precisamos compreender ao olhar para a história da Igreja Cristã: nem toda divergência representa uma negação da fé, nem toda diferença de prática significa abandono da verdade. Ao longo dos séculos, os cristãos discutiram sobre o batismo, a Ceia do Senhor, a liturgia e os costumes. Algumas dessas divergências produziram feridas profundas e separações institucionais. Não seria honesto ignorar esses conflitos, mas também não seria justo concluir que a Igreja Cristã é apenas uma coleção de contradições, incapaz de preservar aquilo que recebeu de Cristo.

É aqui que precisamos distinguir a cerca do pasto. A cerca representa as tradições, as interpretações e as formas pelas quais cada comunidade organiza sua vida religiosa. O pasto representa aquilo que sustenta a fé: Jesus Cristo, sua obra redentora e o evangelho anunciado pelos apóstolos. A cerca pode assumir formatos diferentes, mas o pasto não pode ser substituído sem que se perca aquilo que dá

sentido à própria cerca. O problema começa quando uma tradição particular passa a ser tratada como se fosse o próprio centro da fé. Então, qualquer diferença se transforma em ameaça e qualquer discordância é interpretada como infidelidade a Deus. Mas será que todas as diferenças visíveis significam que o centro foi perdido?

O batismo: formas diferentes, uma fé que permanece

Entre os cristãos, encontramos comunidades que batizam por imersão, outras por aspersão e outras por efusão, também chamada de derramamento. Cada forma possui argumentos bíblicos e teológicos. Os defensores da imersão destacam a associação entre o batismo, a morte e a ressurreição de Cristo; os que praticam a aspersão ressaltam imagens bíblicas de purificação; e os que utilizam a efusão enfatizam a simbologia do derramamento. Existem diferenças reais de interpretação, mas reconhecê-las não nos obriga a concluir que todos os que não batizam da nossa maneira abandonaram o evangelho.

Antes de discutir a forma, precisamos perguntar o que o batismo significa e em nome de quem é administrado. Em Mateus 28:19, Jesus ordena aos discípulos que batizem em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Em Romanos 6:3-4, Paulo relaciona o batismo à morte e à ressurreição de Cristo. O batismo cristão, portanto, não é simplesmente uma cerimônia social ou uma marca denominacional, mas uma prática ligada à fé cristã e à identidade do discípulo.

Quando uma comunidade batiza por imersão e outra por aspersão, essa diferença, por si só, não demonstra que o centro da fé foi abandonado. Podemos discordar da interpretação de uma tradição, apresentar argumentos bíblicos em favor de outra e continuar reconhecendo que há cristãos sinceros procurando obedecer ao

Senhor. O mesmo vale para a efusão. Isso não significa que as três formas sejam idênticas ou que as discussões sobre elas sejam irrelevantes, mas que a divergência sobre a maneira de administrar a água não apaga automaticamente aquilo que as comunidades confessam a respeito de Jesus Cristo.

A forma do batismo importa, mas não deve ocupar o lugar daquele que o ordenou. Quando o debate sobre o sinal nos faz esquecer aquele para quem o sinal aponta, algo se inverteu: a cerca passou a receber mais atenção do que o pasto.

A Ceia do Senhor: diferentes compreensões, o mesmo Cristo no centro

A Ceia do Senhor também revela a diversidade presente na história cristã. Algumas tradições afirmam a presença real de Cristo no sacramento; outras enfatizam sua presença espiritual, recebida pela fé; e outras destacam o caráter memorial da celebração. Essas posições envolvem diferenças teológicas importantes e não devem ser confundidas, mas sua existência não apagou a centralidade da Ceia na vida das comunidades cristãs.

Em 1 Coríntios 11:23-26, Paulo recorda as palavras de Jesus sobre o pão e o cálice e declara que, ao comerem o pão e beberem o cálice, os cristãos anunciam a morte do Senhor até que ele venha. O centro dessa passagem é Cristo, sua entrega, a comunhão da Igreja e a esperança de sua vinda. É em torno desse centro que as tradições desenvolvem suas explicações sobre a presença de Cristo e o significado dos elementos.

Também existem diferenças quanto ao pão utilizado: algumas comunidades empregam pão fermentado, outras pão sem fermento. Algumas utilizam vinho; outras, suco de uva, por convicções pastorais, culturais ou relacionadas à abstinência de álcool. Nem toda

variação possui o mesmo peso teológico, e nem toda diferença pode ser explicada apenas pela cultura. Ainda assim, o uso de elementos diferentes não significa automaticamente que a Igreja tenha perdido sua unidade. Duas comunidades podem divergir sobre esses aspectos e continuar reconhecendo que a Ceia está relacionada à obra de Cristo e à proclamação de sua morte.

Isso não resolve todas as discussões sobre a legitimidade de cada prática, mas demonstra que uma divergência específica não equivale necessariamente à rejeição do Senhor. Em vez de perguntar apenas se os outros fazem exatamente como nós, precisamos examinar o que confessam, como compreendem as Escrituras e qual lugar a Ceia ocupa em sua vida de fé. A doutrina não é enfraquecida por perguntas responsáveis; ela é tratada com mais seriedade quando substituímos acusações precipitadas pelo exame cuidadoso das convicções.

Como a divergência revela os limites da uniformidade

A divergência, isoladamente, não prova a unidade. Existem contradições reais e diferenças que podem comprometer fundamentos importantes da fé. Entretanto, a existência de divergências não prova, por si só, a inexistência de uma unidade mais profunda. Muitas comunidades cristãs, apesar de discordarem sobre práticas e interpretações, continuaram confessando Jesus Cristo como Senhor, anunciando sua morte e ressurreição, ensinando as Escrituras e celebrando o batismo e a Ceia.

Essa unidade não é uniformidade. Em Efésios 4:4-6, Paulo fala de um só corpo, um só Espírito, uma só esperança, um só Senhor, uma só fé e um só batismo. A identidade cristã não começa na uniformidade de todas as preferências, mas na relação com Cristo e

na fé que une aqueles que lhe pertencem. Isso não torna irrelevantes as diferenças doutrinárias, mas nos ajuda a compreender que nem toda divergência elimina os fundamentos compartilhados.

Dois cristãos podem discordar sobre a forma do batismo e ainda reconhecer um ao outro como discípulos de Jesus. Duas comunidades podem ter compreensões diferentes sobre a Ceia e continuar compartilhando convicções centrais acerca da morte e da ressurreição do Senhor. Outras divergências, porém, podem exigir diálogo, correção ou delimitações confessionais. O que não podemos fazer é concluir, sem exame, que toda diferença representa apostasia ou que toda tradição diferente da nossa está fora do alcance da graça de Deus. A unidade não elimina a verdade, e a verdade não precisa ser defendida por meio da distorção das convicções alheias.

A Igreja não é a bagunça que seus acusadores descrevem

A pluralidade cristã é frequentemente apresentada como prova de que o cristianismo fracassou. Se os cristãos discordam e existem tantas denominações, argumentam alguns, então a Igreja seria uma coleção de grupos incapazes de concordar entre si. Esse argumento, porém, não distingue diversidade de ausência de fundamento comum. A existência de diferenças não significa que tudo aquilo que as comunidades compartilham seja ilusório.

É verdade que a história registra acusações injustas, perseguições, violência e separações dolorosas. Não devemos ignorar esses erros nem utilizar a unidade cristã como desculpa para silenciar injustiças. Entretanto, também não podemos permitir que os conflitos sejam a única lente pela qual enxergamos a Igreja. Em meio às discussões, o evangelho continuou sendo anunciado, pessoas continuaram sendo

batizadas, a Ceia continuou sendo celebrada e comunidades continuaram confessando a morte e a ressurreição de Jesus.

Até nas brigas, o centro permaneceu em muitos lugares. Não porque todas as divergências fossem pequenas ou porque todas as partes estivessem certas, mas porque a identidade cristã não dependia exclusivamente da concordância em cada detalhe. Havia um fundamento recebido, uma história compartilhada e uma confissão que, apesar das disputas, continuava apontando para Cristo.

A Igreja não é uma estrutura em que todos precisam pensar exatamente da mesma maneira, tampouco um espaço em que qualquer opinião deve ser aceita sem exame. A pluralidade exige discernimento, não desprezo generalizado. As diferenças precisam ser avaliadas à luz das Escrituras, mas não justificam a afirmação de que tudo é confusão ou de que a Igreja perdeu inteiramente sua identidade.

A cerca protege o pasto, mas não pode tomar o seu lugar

A cerca tem sua função: delimita, protege e organiza. Uma comunidade precisa de doutrina, ensino e convicções para preservar sua identidade. O problema não está em possuir uma cerca, mas em esquecer por que ela existe. Quando a cerca se torna mais importante que o pasto, a comunidade passa a proteger seus limites enquanto perde de vista o alimento que deveria oferecer.

O batismo pode se transformar em campo de disputa quando a discussão sobre a quantidade de água e a posição do corpo faz esquecer a obediência a Cristo. A Ceia também pode perder seu propósito quando as divergências sobre os elementos e a presença de Cristo se convertem em instrumentos de superioridade religiosa. Isso

não significa abandonar as questões doutrinárias, mas colocá-las em seu devido lugar. Uma cerca saudável protege o pasto; uma cerca doente passa a competir com ele.

O cristão pode defender a imersão sem insultar quem pratica a aspersão. Pode sustentar uma compreensão específica da presença de Cristo na Ceia sem distorcer aquilo em que outros acreditam. Pode apresentar seus argumentos com firmeza sem transformar cada desacordo em sentença definitiva sobre a fé do próximo. A convicção não exige arrogância, e a defesa da verdade não exige negar tudo aquilo que Deus pode ter preservado em comunidades diferentes da nossa.

A história da Igreja é marcada por conflitos, interpretações disputadas e tentativas de compreender como permanecer fiel ao que foi recebido. Seria ingênuo afirmar que todas as divergências são superficiais, mas também seria equivocado dizer que todas destruíram a identidade cristã. As diferenças na administração do batismo não demonstram, por si mesmas, abandono da fé em Cristo; da mesma forma, as diferentes compreensões sobre a Ceia precisam ser examinadas com seriedade, sem que isso leve à conclusão automática de que a Igreja se reduziu a uma confusão sem fundamento.

O centro precisa ser identificado, confessado e preservado. As diferenças devem ser avaliadas à luz dele, e não utilizadas como pretexto para declarar inimigo todo aquele que não reproduz nossa tradição. Talvez a maturidade cristã não esteja em eliminar todas as divergências, mas em distinguir quais questões são fundamentais, quais exigem diálogo e quais não deveriam se transformar em barreiras absolutas de comunhão.

Até nas brigas, o centro ficou — não em todos os lugares, não sem feridas e não sem momentos em que a própria Igreja perdeu de vista aquilo que deveria proteger. Mas, em meio às divergências, a confissão de Cristo continuou atravessando gerações, sustentando

comunidades e chamando os cristãos de volta ao fundamento da fé. A cerca pode ter formatos diferentes, mas o pasto não pode deixar de alimentar. Quando a cerca se torna motivo de orgulho, exclusão e hostilidade, precisamos perguntar se estamos protegendo o pasto ou apenas defendendo a cerca.

Porque, no fim, a pergunta decisiva não é se todos construíram a mesma cerca. É se continuamos reconhecendo, no centro da fé cristã, aquele que nos chamou para si: Jesus Cristo, o Senhor.

A cerca distingue. O pasto alimenta. E nenhuma cerca deveria ser tão importante a ponto de nos fazer esquecer de quem é o pasto.

Capitulo 5
As Três Cercas Históricas

Credo Apostólico: a cerca dos convertido
Credo Niceno: a cerca da divindade de Cristo
Credo Atanasiano: a cerca da Trindade

Assim como o pastor constrói cercas para proteger suas ovelhas dos perigos e preservar o espaço onde encontram alimento, a Igreja, ao longo da história, estabeleceu confissões de fé para proteger a doutrina apostólica contra os erros que ameaçavam sua integridade.

Os credos não criaram a verdade cristã, nem substituem as Escrituras. Sua função é resumir e defender as verdades fundamentais da fé bíblica. Paulo exortou Timóteo a conservar "o padrão das sãs palavras" que havia recebido (2 Timóteo 1:13) e a guardar o bom depósito mediante o Espírito Santo (2 Timóteo 1:14).

Judas também convocou os cristãos a batalharem "pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (Judas 1:3). Essa responsabilidade exige que a Igreja não apenas anuncie o evangelho, mas também preserve sua mensagem contra interpretações que distorçam a revelação de Deus.

A própria Bíblia apresenta confissões de fé. Pedro declarou a Jesus: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mateus 16:16). Paulo, por sua vez, resumiu o evangelho afirmando que Cristo morreu pelos

nossos pecados, foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia (1 Coríntios 15:3-4).

Esses exemplos mostram que confessar e resumir a fé é uma prática presente nas Escrituras. Os credos históricos surgiram dessa necessidade de preservar o ensino cristão. Eles são cercas doutrinárias: protegem o pasto, mas não tomam o lugar dele. A autoridade final continua pertencendo à Palavra de Deus.

O Credo Apostólico: a cerca dos convertidos

O Credo Apostólico é uma das confissões mais conhecidas do cristianismo ocidental. Embora tradicionalmente associado aos apóstolos, sua forma atual desenvolveu-se gradualmente a partir de antigas confissões utilizadas na Igreja primitiva, especialmente na instrução dos novos convertidos e na preparação para o batismo.

Ele pode ser chamado de "a cerca dos convertidos" porque resume os fundamentos da fé cristã: Deus Pai, Jesus Cristo, sua morte e ressurreição, o Espírito Santo, o perdão dos pecados, a Igreja e a vida eterna.

Essa função encontra apoio no ensino bíblico. Paulo afirma: "Se com a tua boca confessares Jesus como Senhor e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Romanos 10:9). Jesus também ordenou que seus discípulos batizassem em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar tudo o que ele havia ordenado (Mateus 28:19-20).

A fé cristã, portanto, não se limita a uma experiência emocional. Ela envolve confiança em Cristo e conhecimento das verdades reveladas por Deus.

O Credo Apostólico ajuda os convertidos a compreenderem aquilo que a Igreja confessa. Contudo, nenhuma fórmula substitui o estudo das Escrituras. Os bereanos foram elogiados porque examinavam diariamente as Escrituras para verificar o que ouviam (Atos 17:11).

A cerca dos convertidos não deve aprisionar as pessoas em palavras decoradas, mas protegê-las de uma fé superficial. O novo discípulo precisa crescer no conhecimento de Cristo, permanecendo firme na Palavra (2 Pedro 3:18).

O Credo Niceno: a cerca da Divindade de Cristo

No século IV, a Igreja enfrentou uma grande controvérsia sobre a identidade de Jesus. Ário defendia uma compreensão segundo a qual o Filho não possuía a mesma eternidade e condição divina do Pai. Essa questão levou à convocação do Concílio de Niceia, em 325 d.C. Os bispos reunidos afirmaram que o Filho é verdadeiramente Deus e da mesma substância do Pai. O objetivo era rejeitar a ideia de que Cristo fosse uma criatura, ainda que superior a todas as outras.

Por isso, o Credo Niceno tornou-se "a cerca da Divindade de Cristo".

As Escrituras apresentam fundamentos importantes para essa confissão. João declara: "O Verbo era Deus" (João 1:1) e, posteriormente, afirma que o Verbo se fez carne (João 1:14). Paulo ensina que todas as coisas foram criadas por meio de Cristo e para ele, e que ele é antes de todas as coisas (Colossenses 1:16-17).

Hebreus 1:3 também apresenta o Filho como o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser.

O Concílio de Niceia não criou a Divindade de Jesus; procurou defender uma compreensão de Cristo que seus participantes consideravam fiel ao testemunho bíblico. A formulação nicena protege uma verdade essencial: Jesus não é simplesmente um mestre religioso ou uma criatura exaltada, mas o Filho Divino que assumiu a natureza humana para nossa salvação. É importante observar que o credo formulado em 325 foi posteriormente ampliado. A versão conhecida atualmente como Credo Niceno-Constantinopolitano está tradicionalmente associada também ao Concílio de Constantinopla, em 381 d.C.

A lição permanece atual: citar a Bíblia não basta; é necessário interpretá-la corretamente. Paulo exorta Timóteo a manejar corretamente a palavra da verdade (2 Timóteo 2:15).

O Credo Atanasiano: a cerca da Trindade

O Credo Atanasiano é conhecido por sua exposição detalhada da doutrina da Trindade e da identidade de Jesus Cristo. Apesar de seu nome, não foi escrito por Atanásio de Alexandria. Sua composição é geralmente situada alguns séculos depois de sua morte, no Ocidente latino, e sua autoria exata permanece desconhecida. Esse credo procura preservar duas verdades fundamentais: existe um só Deus em três pessoas distintas — Pai, Filho e Espírito Santo — e Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Por isso, podemos chamá-lo de "a cerca da Trindade".

Deuteronômio 6:4 declara que o Senhor é um só, estabelecendo o fundamento bíblico do monoteísmo. Ao mesmo tempo, Mateus 3:16-17 distingue o Filho, o Espírito que desce sobre ele e a voz do Pai. Em Mateus 28:19, Jesus ordena o batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. João 14:16-17 também registra Jesus prometendo pedir ao Pai que envie outro Consolador, o Espírito da verdade. Esses textos, entre outros, contribuíram para a compreensão histórica da doutrina trinitária.

A Trindade não significa três deuses nem três partes de Deus. A fé cristã histórica confessa um único Deus em três pessoas distintas. Do mesmo modo, a encarnação não significa que Jesus deixou de ser Deus: o Verbo se fez carne (João 1:14), e nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade (Colossenses 2:9).

O Credo Atanasiano funciona como uma cerca que protege essa compreensão contra interpretações que confundem as pessoas Divinas, dividem a essência de Deus ou diminuem a Divindade de Cristo.

Os concílios: a defesa coletiva da fé

Os credos históricos estão ligados aos concílios, reuniões nas quais líderes da Igreja discutiram controvérsias doutrinárias e procuraram formular declarações comuns de fé.

Um precedente bíblico importante encontra-se em Atos 15. Os apóstolos e presbíteros reuniram-se em Jerusalém para discutir se os gentios precisavam observar a circuncisão e a lei de Moisés para serem salvos. Após examinarem a questão, comunicaram sua decisão às igrejas. Atos 15:28 registra: "Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós". O episódio demonstra a importância do discernimento

coletivo na vida da Igreja, fundamentado no testemunho apostólico e na compreensão das Escrituras. Entretanto, isso não significa que toda decisão eclesiástica seja automaticamente infalível. A Igreja é chamada a examinar os ensinamentos, pois João adverte: "não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus" (1 João 4:1).

Os concílios devem ser respeitados por sua importância histórica e teológica, mas suas declarações precisam ser avaliadas à luz da Palavra de Deus. A cerca protege o pasto; não pode ocupar o lugar dele.

Conclusão: cercas para preservar a verdade

O Credo Apostólico, o Credo Niceno e o Credo Atanasiano representam três importantes cercas históricas da fé cristã. O primeiro resume a fé confessada pelos convertidos; o segundo defende a plena divindade de Cristo; o terceiro procura preservar a doutrina da Trindade. Essas confissões nos lembram que a Igreja precisa proteger o rebanho contra os erros doutrinários. Paulo advertiu os presbíteros de Éfeso sobre os lobos que não poupariam o rebanho e sobre aqueles que distorceriam a verdade para atrair discípulos (Atos 20:28-30). Entretanto, a defesa da doutrina deve caminhar com amor. Paulo ensina que devemos seguir a verdade em amor, crescendo em tudo naquele que é a cabeça, Cristo (Efésios 4:15).

Uma Igreja precisa de cercas firmes, mas também de pastos verdes. Sem proteção doutrinária, o rebanho fica vulnerável ao engano; sem alimento bíblico, enfraquece espiritualmente.

As cercas históricas protegem a confissão da fé, as Escrituras alimentam o rebanho e Cristo permanece no centro de todo o pasto.

Capitulo 6
As Confissões
Cercas Locais

Por que depois dos Credos vieram as Confissões:
Westminster, 1689, Catecismo de Heidelberg
Elas não dividem, explicam a
mesma cerca para seu curral

Se os Credos foram as primeiras cercas que delimitaram o pasto da fé cristã, as Confissões vieram para aprofundar essa delimitação, explicando com mais detalhes aquilo em que a Igreja cria, ensinava e confessava diante do mundo. Os Credos surgiram em um contexto no qual a Igreja precisava declarar as verdades fundamentais da fé cristã, especialmente diante de erros que ameaçavam a compreensão da pessoa de Cristo, da Trindade e da obra da salvação. Eram declarações essenciais, capazes de reunir cristãos de diferentes lugares em torno das mesmas verdades fundamentais. Entretanto, com o passar dos séculos, novas controvérsias surgiram, questões doutrinárias precisaram ser examinadas e a Reforma Protestante trouxe novamente à tona a necessidade de explicar, com maior precisão, o que as Escrituras ensinavam.

O Credo dizia, em linhas gerais, em que a Igreja cria. As Confissões passaram a desenvolver essas verdades, mostrando como elas deveriam ser compreendidas, ensinadas e aplicadas à vida da

comunidade cristã. Se o Credo levantava a cerca principal, a Confissão explicava como aquela cerca deveria ser construída, quais eram seus limites e como o rebanho deveria viver dentro dela.

Westminster, 1689 e Heidelberg: a mesma cerca, explicada para cada curral

Entre as principais expressões confessionais da tradição reformada, encontramos a Confissão de Fé de Westminster, a Confissão Batista de Londres de 1689 e o Catecismo de Heidelberg. Cada uma surgiu em um contexto histórico específico, respondendo a questões particulares de sua época e servindo a comunidades com necessidades próprias. Não foram escritas para substituir as Escrituras, mas para declarar como seus autores e suas igrejas compreendiam o ensino bíblico.

A Confissão de Fé de Westminster, concluída em 1646, tornou-se uma das mais importantes formulações doutrinárias da tradição presbiteriana. Ela organiza de maneira sistemática temas como a autoridade das Escrituras, a soberania de Deus, os decretos divinos, a aliança, a justificação, a santificação e a vida cristã.

A Confissão Batista de Londres de 1689, por sua vez, expressa convicções compartilhadas com a tradição reformada, mas também apresenta particularidades da identidade batista, especialmente quanto ao batismo e à compreensão da igreja e das alianças bíblicas. Ela demonstra que é possível compartilhar fundamentos doutrinários importantes sem apagar diferenças que realmente existem.

Já o Catecismo de Heidelberg, publicado em 1563, apresenta as verdades da fé cristã em forma de perguntas e respostas, com uma linguagem pastoral que conduz o cristão à compreensão da sua miséria, da sua redenção e da sua gratidão a Deus. Seu propósito não

era apenas informar a mente, mas consolar o coração e orientar a vida.

Esses documentos não são idênticos em todos os pontos. Existem diferenças reais entre eles, e seria incorreto fingir que não existem. Entretanto, todos procuram organizar o ensino bíblico e instruir o povo de Deus segundo a compreensão doutrinária de suas respectivas tradições.

É aqui que a metáfora das cercas locais ganha sentido.

A cerca principal representa as verdades fundamentais da fé cristã, confessadas historicamente pela Igreja. As cercas locais representam as explicações confessionais que ajudam cada comunidade a compreender e guardar essas verdades de maneira mais específica. Elas não devem ser confundidas com a cerca maior, nem colocadas acima dela. Sua função é orientar o rebanho, não tomar o lugar do Pastor.

As Confissões dividem ou explicam?

Há quem olhe para a multiplicidade de Confissões e enxergue apenas divisão. Afinal, se todos afirmam crer na Bíblia, por que tantos documentos? Por que tantas formulações? Por que não permanecer somente com os Credos?

A resposta exige equilíbrio.

As Confissões podem, de fato, marcar diferenças entre igrejas. Algumas dessas diferenças são importantes e não devem ser escondidas. Porém, a existência de uma Confissão não significa, por si só, que uma igreja esteja abandonando a unidade cristã. Em muitos

casos, as Confissões procuram justamente proteger a comunidade contra interpretações que considera incompatíveis com o ensino das Escrituras. Elas estabelecem parâmetros para a pregação, a formação dos membros, a disciplina e a preservação da identidade doutrinária.

O problema não está necessariamente em possuir uma cerca local, mas em esquecer a finalidade dela.

Uma cerca que protege o pasto é útil. Uma cerca transformada em motivo de orgulho, desprezo ou hostilidade contra todos os que estão do outro lado pode deixar de servir à proteção e passar a alimentar a divisão. Nenhuma Confissão deve ser tratada como se fosse a própria voz infalível de Deus. A autoridade suprema pertence às Escrituras. As Confissões possuem autoridade subordinada, na medida em que testemunham fielmente aquilo que a Palavra de Deus ensina.

Por isso, a fidelidade confessional não deveria produzir arrogância, mas responsabilidade; não desprezo pelos outros cristãos, mas clareza quanto às próprias convicções.

A cerca não é o pasto

O perigo aparece quando o rebanho começa a admirar tanto a cerca que se esquece do pasto.

Uma igreja pode conhecer profundamente Westminster, defender com rigor a Confissão de 1689 ou ensinar com precisão o Catecismo de Heidelberg e, ainda assim, falhar em demonstrar amor, humildade, misericórdia e obediência a Cristo.

A Confissão é um instrumento de ensino e proteção, não o destino final da vida cristã. Ela deve conduzir o povo à Palavra, e a Palavra deve conduzir o povo a Cristo.

O bom uso de uma Confissão não consiste apenas em repetir suas afirmações, mas em examinar se a igreja vive de acordo com as verdades que professa. Se confessamos a soberania de Deus, devemos aprender a confiar nele. Se confessamos a graça, devemos abandonar a arrogância. Se confessamos a santidade, devemos buscar uma vida coerente com o evangelho.

A cerca só cumpre bem sua função quando protege aquilo que realmente importa.

Conclusão deste Capítulo: cercas locais, um só Pastor

Depois dos Credos, vieram as Confissões porque a Igreja precisou aprofundar, organizar e aplicar o conteúdo da fé cristã diante de novos desafios históricos e doutrinários.

Westminster, a Confissão Batista de Londres de 1689 e o Catecismo de Heidelberg não são documentos iguais, nem eliminam todas as diferenças entre as tradições que os receberam. Cada um expressa uma compreensão confessional particular, com ênfases e aplicações próprias.

Entretanto, todos nos ajudam a perceber que confessar a fé não é apenas repetir palavras antigas, mas compreender o que cremos e assumir responsabilidade por aquilo que ensinamos.

As cercas locais podem ser diferentes em alguns pontos, mas nenhuma delas deve reivindicar o lugar da cerca maior estabelecida pela Palavra de Deus. A própria Confissão de Fé Batista de Londres de 1689 — Capítulo 1, parágrafo 10, reconhece:

"O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias da religião devem ser determinadas \[...\] não pode ser outro senão o Espírito falando na Escritura".

E a Confissão de Fé de Westminster — Capítulo 1, seção 10, segue a mesma linha:

"O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de ser determinadas \[...\] não pode ser outro senão o Espírito Santo falando nas Escrituras".

O rebanho precisa conhecer seus limites, mas também precisa reconhecer a voz do Pastor. Precisa de proteção, mas não pode transformar a proteção em prisão. Precisa de convicções firmes, mas sem perder de vista o amor que deve caracterizar os discípulos de Cristo.

A Confissão explica a cerca; a Escritura estabelece o fundamento; Cristo continua sendo o Pastor.

Porque, no fim, o propósito da cerca nunca foi fazer com que o rebanho se gloriasse nela, mas protegê-lo para que permanecesse no pasto, alimentado pela verdade e conduzido pelo Bom Pastor.

Capitulo 7
Como Usar a Cerca Hoje

3 perguntas para testar qualquer nova doutrina:
já foi crida antes? Em todo lugar? Por todos?
A segurança de não estar sozinho

A segurança de não estar sozinho

Uma das maiores dificuldades de quem deseja permanecer fiel à verdade é discernir entre aquilo que pertence à fé recebida dos apóstolos e aquilo que surge como novidade, apresentado como se fosse uma descoberta espiritual indispensável. Nem toda novidade é necessariamente falsa, assim como nem toda tradição humana é necessariamente verdadeira. Por isso, precisamos de critérios sólidos para examinar o que ouvimos, lemos e professamos.

É aqui que a cerca volta a ter sua utilidade. Em nossa caminhada, a cerca representa os limites que nos ajudam a permanecer dentro do pasto seguro da fé cristã. Ela não existe para impedir que conheçamos melhor a verdade, mas para nos proteger dos atalhos perigosos que nos afastam dela.

Mas como podemos usar essa cerca hoje, em meio a tantas interpretações bíblicas, movimentos religiosos e doutrinas que disputam nossa atenção?

Podemos começar com três perguntas fundamentais.

1. Essa doutrina já foi crida antes?

A primeira pergunta é sobre a antiguidade. Aquilo que nos é apresentado como verdade cristã já pode ser encontrado na fé dos primeiros cristãos? Há testemunhos nos escritos antigos da Igreja? A doutrina mantém continuidade com o ensino das Escrituras e com a fé transmitida pelos apóstolos?

No século V, Vicente de Lérins, monge cristão, formulou um princípio que atravessou os séculos. Em sua obra *Commonitorium*, escrita por volta de 434, ele ensinou que, diante das controvérsias, deveríamos buscar aquilo que foi crido "em toda parte, sempre e por todos".

A preocupação de Vicente era identificar a fé católica em contraste com as novidades que apareciam em seu tempo. Para isso, destacou três critérios: universalidade, antiguidade e consenso.

A antiguidade, portanto, nos convida a perguntar: esta doutrina tem raízes na fé cristã histórica ou depende de uma interpretação recente que pretende corrigir todos os cristãos que vieram antes de nós?

Uma doutrina não se torna verdadeira apenas por ser antiga. Seu fundamento último continua sendo a verdade de Deus revelada nas Escrituras. Entretanto, quando alguém afirma ter descoberto uma verdade essencial que permaneceu desconhecida por muitos séculos, temos boas razões para examinar cuidadosamente essa afirmação.

2. Essa doutrina foi crida em todo lugar?

A segunda pergunta é sobre a universalidade. A fé cristã nasceu em um contexto específico, mas a mensagem do evangelho foi anunciada a povos, culturas e regiões diferentes. Por isso, uma doutrina que reivindica representar a fé apostólica precisa ser examinada à luz do testemunho mais amplo da Igreja ao longo da história. Foi exatamente essa preocupação que Vicente expressou ao falar daquilo que era confessado pela Igreja espalhada pelo mundo. Não bastava encontrar uma ideia em um indivíduo ou em um grupo isolado; era necessário considerar o testemunho da comunidade cristã em sua extensão histórica e geográfica. Isso não significa que todos os cristãos, em todas as épocas, tenham concordado sobre cada detalhe da teologia. A própria história demonstra a existência de debates e divergências. O critério de universalidade deve ser aplicado com seriedade, considerando o conjunto das evidências, e não como uma afirmação simplista de unanimidade absoluta.

Quando uma nova doutrina aparece, vale perguntar: ela encontra testemunho amplo na tradição cristã ou depende exclusivamente de um grupo particular, de um líder contemporâneo ou de uma interpretação que ninguém antes teria percebido?

A ausência de testemunhos antigos não encerra automaticamente toda discussão, mas deve nos tornar cautelosos diante de afirmações extraordinárias.

3. Essa doutrina foi aceita por todos?

A terceira pergunta diz respeito ao consenso. Aqui, precisamos distinguir a voz de um indivíduo do testemunho convergente de muitos cristãos que estudaram, ensinaram e defenderam a fé ao longo dos séculos.

Vicente de Lérins não exigia que cada cristão tivesse formulado todas as doutrinas com as mesmas palavras. Ele apontava para o consenso dos antigos mestres e pastores, isto é, para aquilo que havia sido sustentado de maneira ampla e concordante na tradição cristã. Esse princípio nos ajuda a reconhecer o perigo de transformar uma interpretação particular em condição indispensável de salvação ou em prova de superioridade espiritual. Se alguém afirma que somente o seu grupo compreendeu uma verdade essencial, enquanto toda a Igreja anterior permaneceu enganada, devemos perguntar quais evidências sustentam uma alegação tão grandiosa. A convicção pessoal não é o mesmo que a verdade universal. A sinceridade de um mestre não garante a correção de seu ensino, assim como a popularidade de uma doutrina não comprova sua fidelidade às Escrituras.

Por isso, precisamos ouvir com atenção, estudar com humildade e comparar cada ensinamento com a Palavra de Deus, sem desprezar o testemunho histórico dos cristãos que nos precederam.

A segurança de não estar sozinho

Há uma segurança especial em descobrir que a fé que professamos não depende da imaginação de um único homem nem da experiência isolada de uma geração. Somos parte de uma história muito maior, marcada pelo testemunho de cristãos que, em diferentes épocas, procuraram compreender, preservar e transmitir o evangelho. Essa segurança, porém, não deve se transformar em confiança cega na maioria. A história bíblica mostra que multidões também podem se desviar. A cerca não substitui a Palavra de Deus; ela nos ajuda a reconhecer os limites dentro dos quais devemos examinar nossas convicções.

Por isso, as três perguntas de Vicente de Lérins devem ser usadas em conjunto com o exame das Escrituras: já foi crida antes? Em todo lugar? Por todos? Elas nos convidam a investigar a antiguidade, a extensão e o consenso da fé, sem transformar a tradição em autoridade superior à revelação divina.

Ao avaliar uma nova doutrina, não precisamos reagir com medo nem aceitar tudo por entusiasmo. Podemos investigar suas origens, consultar fontes históricas, examinar os textos bíblicos em seu contexto e considerar o testemunho da Igreja ao longo dos séculos.

A cerca continua sendo necessária porque o pasto não se protege sozinho. A maturidade cristã não consiste em rejeitar toda novidade, mas em discernir o que é verdadeiro e permanecer fiel ao evangelho.

A segurança de não estar sozinho não vem simplesmente de caminhar com muitos, mas de reconhecer que caminhamos na verdade, fundamentados na Palavra de Deus e atentos ao testemunho fiel daqueles que nos precederam.

Referências bibliográficas

- VICENTE DE LÉRINS. Commonitorium (Memorial). Capítulo II, §§ 4–6. Século V, aproximadamente 434 d.C. Texto disponível em [New Advent — The Commonitory of Vincent of Lérins](<https://www.newadvent.org/fathers/3506.htm>). New Advent

- VICENTE DE LÉRINS. The Commonitory: For the Antiquity and Universality of the Catholic Faith Against the Profane Novelties of All Heresies. Tradução de C. A. Heurtley. In: SCHAFF, Philip; WACE, Henry (eds.). Nicene and Post-Nicene Fathers, Second Series, vol. 11. Peabody: Hendrickson Publishers, 1994. Cambridge

- NEWMAN, John Henry. An Essay on the Development of Christian Doctrine. Obra importante para o estudo da continuidade e do desenvolvimento da doutrina cristã. Texto disponível em [Newman Reader](<https://www.newmanreader.org/works/development/>). Introduction

Nota histórica: a expressão latina *quod ubique, quod semper, quod ab omnibus creditum est* é tradicionalmente associada a Vicente de Lérins e significa, em tradução aproximada, "aquilo que foi crido em toda parte, sempre e por todos". Ela aparece no *Commonitorium*, capítulo II, § 6. É importante apresentá-la como um critério histórico-teológico de discernimento, e não como prova de que todas as doutrinas cristãs foram aceitas unanimemente em todas as épocas. [https://www.newadvent.org/fathers/3506.htm]

Conclusão
Dentro da Cerca há Liberdade

Ovelha segura pasta melhor

À primeira vista, a cerca parece limitar. Ela estabelece fronteiras, determina por onde passar e indica até onde ir. Para muitos, liberdade significa viver sem limites, fazer escolhas sem prestar contas e seguir os próprios desejos. Mas será que a ausência de limites é, de fato, liberdade?

No pastoreio, aprendemos uma lição preciosa: "a cerca não existe para roubar a liberdade da ovelha, mas para proteger sua vida". Fora dela, há perigos que nem sempre são percebidos. O pasto pode parecer mais verde do outro lado, mas nem toda grama bonita alimenta; nem todo caminho aberto conduz à vida. Há lugares que atraem os olhos, mas colocam a alma em risco.

A ovelha segura permanece no pasto porque reconhece a importância da proteção. Ela não precisa conhecer todos os perigos para confiar no cuidado do pastor.

Assim também acontece conosco.

Deus não estabelece limites para nos aprisionar, mas para nos conduzir à vida plena. Seus mandamentos não são grades de uma

prisão; são orientações de amor. Sua Palavra não sufoca a liberdade: ensina-nos a vivê-la com sabedoria.

O salmista declarou:

"Também andarei em liberdade, pois busco os teus preceitos".
— Salmos 119:45

Que paradoxo maravilhoso! O salmista encontra liberdade justamente na obediência à Palavra de Deus.

Isso nos ensina que liberdade não é viver sem direção, mas caminhar na direção certa. Não é fazer tudo o que desejamos, mas aprender a desejar aquilo que nos faz bem diante de Deus. A verdadeira liberdade não está em romper a cerca, mas em desfrutar da segurança que existe dentro dela.

A ovelha segura pasta melhor

Há uma lição simples nessa imagem: a ovelha que permanece em segurança tem melhores condições de se alimentar, crescer e produzir. Protegida, ela pode aproveitar o pasto sem viver constantemente ameaçada.

Na vida espiritual, também precisamos compreender isso. Quando permanecemos nos limites da vontade de Deus, encontramos condições para criar raízes, amadurecer na fé e produzir frutos que permanecem.

Jesus disse:

"Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância".
— João 10:10

A vida abundante não significa ausência de dificuldades, mas a presença do Pastor em meio a elas. Não significa que nunca enfrentaremos vales, mas que não precisaremos atravessá-los sozinhos. O problema começa quando confundimos proteção com prisão e disciplina com opressão. Então, passamos a olhar para fora da cerca com insatisfação, imaginando que a verdadeira felicidade está em ultrapassar os limites estabelecidos por Deus.

Mas a pergunta não deveria ser:

"O que estou perdendo por permanecer aqui?"

Talvez a pergunta certa seja:

"De quantos perigos estou sendo protegido por permanecer no lugar em que Deus me quer?"

Nem toda porta aberta é uma direção divina. Nem toda oportunidade precisa ser aproveitada. Nem todo desejo merece ser seguido. Há momentos em que a maior demonstração de maturidade espiritual é permanecer, mesmo quando sair parece mais atraente.

A ovelha não precisa entender todos os motivos do pastor. Precisa aprender a reconhecer sua voz.

Jesus afirmou:

"As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem".

— João 10:27

Eis o segredo: ouvir, confiar e seguir.

Permanecer é escolher a vida

Ao chegar ao fim desta reflexão, fica uma verdade: "a cerca não é o fim da liberdade; pode ser o começo de uma vida segura, frutífera e abundante".

Não despreze os limites que Deus estabeleceu. Não confunda independência com felicidade, nem obediência com fraqueza. Há sabedoria em permanecer, fé em confiar e liberdade em obedecer.

Se hoje você se sente tentado a ultrapassar a cerca, pare por um instante. Observe o Pastor. Escute sua voz. Examine o pasto em que você foi colocado.

Talvez o que você chama de limitação seja, na verdade, cuidado. Talvez o que parece restrição seja livramento. E talvez a bênção que você tanto procura não esteja do outro lado, mas bem diante dos seus pés.

Dentro da cerca há pasto. Há cuidado. Há direção. Há liberdade.

Que você não precise perder a proteção para reconhecer seu valor, nem se afastar do Pastor para descobrir que a vida abundante sempre esteve em sua presença.

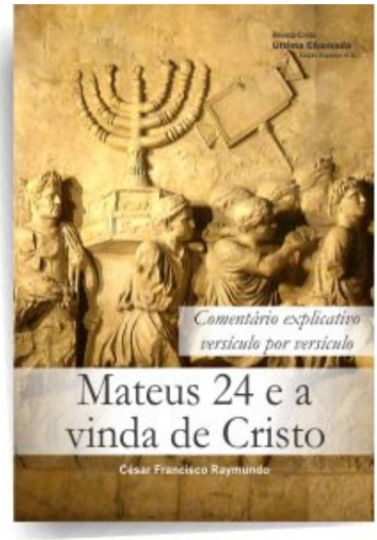
Porque, no Reino de Deus, a ovelha verdadeiramente livre não é aquela que vive sem cerca, mas aquela que conhece a voz do Pastor e encontra nele segurança para viver.

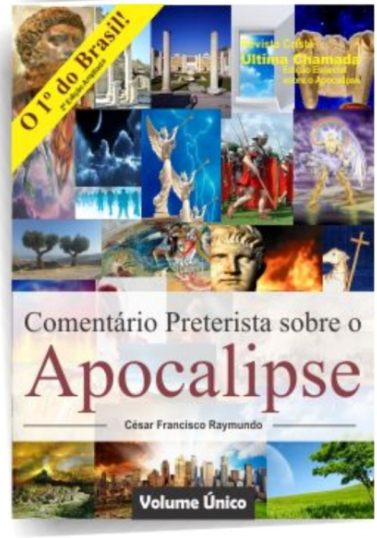
Permaneça no pasto. Confie no Pastor. E descubra que os limites do cuidado de Deus não diminuem a sua vida — eles a preservam.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org





Revista Cristã
Última Chamada
O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a
Esperança
Pós-milenista?
César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.
PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS
VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA

revista cristã
última chamada
Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico
Jay Rogers

César Francisco Raymundo
revista cristã
última chamada
E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?